

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“A RAINHA ESTÁ SE OLHANDO NO ESPELHO”
NOTAS SOBRE A BUSCA PELA BELEZA E O CORPO
NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JÚLIA PRESSER MARQUES

**Santa Maria, RS
2019**

**“A RAINHA ESTÁ SE OLHANDO NO ESPELHO”
NOTAS SOBRE A BUSCA PELA BELEZA E O CORPO NA
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA**

Júlia Presser Marques

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências
Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como
requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais**

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Janaína Xavier do Nascimento

**Santa Maria, RS, Brasil
2019**

“A RAINHA ESTÁ SE OLHANDO NO ESPELHO” NOTAS SOBRE A BUSCA PELA BELEZA E O CORPO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA

Júlia Presser Marques
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

RESUMO

A beleza é um importante valor social e um dos eixos centrais na construção identitária feminina. Expectativas estéticas orbitam o universo feminino desde a tenra idade, o que culmina num corpo que é atravessado por regulações. Dessa forma, o objetivo deste estudo é investigar a formação das identidades de gênero com ênfase sobre como percepções e ideais de beleza afetam os significados da feminilidade contribuindo para a construção do “ser menina” ou “ser menino” numa turma com alunos de 5 e 6 anos dentro de uma escola de educação infantil na cidade de Santa Maria/RS. O método etnográfico emerge como o mais adequado por ter como premissa a imersão no universo pesquisado o que torna possível adentrar nas lógicas próprias da infância. Concluiu-se que apesar das fronteiras entre os gêneros e os paradigmas relativos à beleza, há um movimento de desestabilização e atenuação onde os sentidos destas fronteiras são muito mais fluídos entre as crianças.

Palavras-chave: Gênero; identidade de gênero; beleza; corpo; infância.

ABSTRACT

Beauty is an important social value and one of the central axes in the female identity construction. Aesthetic expectations orbit the female universe from an early age, culminating in a body that is criss-crossed by regulations. Thus, the aim of this study is to investigate the formation of gender identities with emphasis on how perceptions and ideals of beauty affect the meanings of femininity, contributing to the construction of “being a girl” or “being a boy” in a class with 5 and 6 years old children in a preschool in Santa Maria/RS. The ethnographic method emerges as the most appropriate because it is premised on immersion in the researched universe, which makes it possible to enter the inner logic of childhood. It was concluded that, despite the boundaries between genders and beauty paradigms, there is a movement of destabilization and attenuation in which the senses of these boundaries are much more fluid among children.

Keywords: Gender; gender identity; beauty; body; childhood.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria, cuja regulamentação define a necessidade deste trabalho abarcar uma perspectiva educacional. Juntamente a isso, evidencia-se que uma decisão presente neste estudo foi a de usar o conceito de gênero como

norteador. O desejo de refletir acerca de beleza aflorou posteriormente, tornando indispensável o debate se estender ao conceito de corpo.

A beleza é um importante valor social, entretanto, os seus significados e impactos ganham sentidos e dimensões diversas no tocante a feminilidade e a masculinidade. A construção da feminilidade é atravessada por ideais de beleza (GROSSI, 2004), o que dá forma a uma questão moral que atravessa a identidade das mulheres. A asserção da moralidade, articula lógicas de valorização ou desvalorização ancoradas por padrões estéticos que engendram afirmações sobre a conduta feminina.

Naomi Wolf (1992) argumenta que concomitantemente a perda de força de mitos como o da domesticidade, ilusões coletivas emergem baseadas em ideais de beleza e agem como obstáculos para a realização das mulheres. Tais ideais ganham teor paradigmático e, somados a questão moral, dão sentido a uma normatização do corpo feminino. Por sua vez, esta normatização é respaldada por diversas instâncias sociais e culturais que “vão, pouco à pouco, tomando conta da vida simbólica/subjectiva do sujeito” (NOVAES, 2005, p. 4).

O que é tido como belo sofre transformações durante os períodos históricos no ocidente. Ao olhar para este fenômeno elucida-se o quanto a beleza se relaciona com expectativas de comportamento, à título de exemplo, na época da Renascença havia uma generalização de representações de beleza feminina associadas ao recato e a inocência o que emaranhava-se aos valores presentes na domesticidade. (VILHENA & MEDEIROS & NOVAES, 2005).

Adentrando melhor nestas relações entre os gêneros, Raewyn Connel e Rebecca Pearse (2015) fornecem o conceito de prática corporal reflexiva sendo um frutífero instrumento para refletir sobre o entrelaçamento de corpo e gênero. As autoras argumentam que “o gênero é uma forma específica de corporificação do social” (2015, p. 113), premissa que engloba que os corpos agem em relação às práticas sociais e também são instrumento delas.

Os corpos contém marcas que os diferenciam entre si. A partir de certas marcas, elaboram-se imaginários que pretendem evidenciar quem são as pessoas no mundo. Entretanto, “o corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural” (LE BRETON, 2006, p. 26). O ato de colocar brincos nas orelhas dos bebês que nascem com uma genitália feminina, revela tanto a necessidade de demarcação de um gênero quanto a relação deste com um empenho no que tange à beleza.

As crianças vão sendo expostas a expectativas sociais presentes num universo simbólico que vincula representações hegemônicas e pretendem a produção dos sujeitos, “não é propriamente a diferença sexual – de homens e mulheres – que delimita as questões de gênero,

e sim as maneiras como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto” (SAYÃO, 2002, p. 5).

George Herbert Mead elucida com sua teorização que a formação do *self* e do gênero é significativamente social, ocorrendo em grande medida durante a infância. Dessa forma, a construção identitária é concebida como um processo reflexivo que envolve a interação com o outro. O autor sofre influências da teorização de Hegel e assume o papel exercido pelo reconhecimento na vida dos sujeitos onde o “eu” têm uma visão de si porque se projeta, tentando se aproximar do olhar do “outro”.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é investigar a formação das identidades de gênero com ênfase sobre como percepções e ideais de beleza afetam os significados da feminilidade, contribuindo para a construção do “ser menina” ou “ser menino” numa turma com alunos de 5 e 6 anos dentro de uma escola de educação infantil na cidade de Santa Maria/RS.

Os objetivos específicos são: conhecer os sentidos de “ser menina” e “ser menino” entre as crianças; descobrir suas percepções sobre beleza; identificar a presença de indicadores de beleza.

A relação entre beleza e feminilidade continua na base de muitas práticas sociais e discursos machistas, ancorados numa visão de mundo patriarcal, opressiva, dominadora, violenta e androcêntrica, a partir da qual indivíduos como o atual presidente do país, Jair Bolsonaro e seu ministro da economia, se sentem no direito de recorrer a atributos de beleza socialmente construídos para definir e depreciar as mulheres, como o fizeram ao insultar a primeira-dama francesa Brigitte Macron¹. Investigar os sentidos embrionários da construção identitária feminina repousando o olhar sobre os significados dados para a beleza parece lançar luz sobre o fenômeno. Além disso, assume-se a infância como um relevante período para o desenvolvimento das identidades juntamente com a instituição escolar que exerce um papel na constituição dos sujeitos, sendo um local onde permanecem por tempo considerável de seus dias, apesar da assunção de que nem todos os indivíduos passam por ela e nem que são passivos perante os processos educacionais.

É necessário o olhar interessado, a escuta alargada e atenta para o que foge de uma compreensão adultocêntrica. Dessa forma, o método etnográfico surge como o mais adequado por ter como premissa a imersão no universo pesquisado o que permite maior aproximação com aquela cultura e toda a complexidade inerente a ela.

¹ Ver em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-presidente-falou-mesmo-e-a-mulher-do-macron-e-feia-mesmo-diz-guedes,70002998375>

O trabalho se insere nos Estudos de Gênero, nos Estudos Feministas e na Sociologia do Corpo². Não havendo a intenção de se opor a toda e qualquer prática estética, apenas intenta compreender o quanto diz respeito a relações de poder e seu imbricamento com noções sobre emancipação dos sujeitos.

I. REVISÃO DA LITERATURA

1. GÊNERO E IDENTIDADE DE GÊNERO

O conceito de gênero emerge como uma ferramenta para pensar as diferenças entre homens e mulheres para além de determinismos biológicos fortemente arraigados que, tradicionalmente, serviram para dar sentido a hierarquias. O psicanalista norte-americano Robert Jesse Stoller - o qual será retomado posteriormente – é considerado o primeiro a utilizar o conceito. No decorrer do Congresso Psicanalítico Internacional em Estocolmo no ano de 1963, o autor o empregou como uma ferramenta para teorizar sobre identidade de gênero. Já a primeira aparição deste conceito num texto de teoria antropológica se deu através da antropóloga e militante feminista estadunidense Gayle Rubin em “O tráfico de mulheres, notas sobre a economia política do sexo” publicado em 1975. Ademais, os movimentos sociais que despontaram na década de 1960 são entendidos como o estopim para os chamados Estudos da Mulher e posteriormente Estudos de Gênero.

Uma importante referência nas reflexões acerca de gênero é a historiadora Joan Scott (1990). A teórica pós-estruturalista chama atenção para os discursos defendendo a elucidação de um processo histórico que expanda o que é comumente entendido como relevante historicamente e, para isto ocorrer, é preciso que se incorpore as categorias de classe, raça e gênero, bem como o protagonismo dos sujeitos oprimidos na constituição da história.

Sua definição de gênero recai sobre dois principais eixos: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 86). Scott também cita quatro elementos que se conectam com estes eixos e se relacionam entre si. De forma sucinta eles são: (1) os símbolos advindos da cultura que desencadeiam as representações, muitas vezes com caráter contraditório, como o exemplo citado pela autora da imagem de Eva e Maria correlacionadas a tradição do cristianismo. A respeito destas representações, cabe refletir sobre as circunstâncias nas quais elas emergem. (2) Têm-se os conceitos que expressam a narrativa de uma posição que é dominante, porém, não a única,

² A Sociologia da Infância entra de forma periférica neste estudo.

existindo outras que não elegem estes mesmos conceitos normativos como a verdade. A história comumente disseminada abarca estes conceitos, eles são manifestados nas instituições como em preceitos de práticas educacionais. (3) Scott expõe que a pesquisa histórica têm o desafio de diluir a binaridade de gênero, desmistificando a cristalização das representações advindas da oposição contida nesta binaridade. (4) Como último elemento, diz respeito à identidade subjetiva no qual ela aceita o argumento de Gayle Rubin sobre a reprodução de gênero se inscrever na lógica de "transformação da sexualidade biológica dos indivíduos enquanto passam por um processo de enculturação" (1975, p. 189, apud SCOTT, 1996, p. 87). Finalmente, Scott defende que é necessário buscar a razão de ser das relações de poder baseadas no gênero. Isso implica que usar o conceito de gênero apenas de forma descritiva não confere potencial transformativo para padrões históricos.

Transcendendo a questão do discurso, Raewyn Connel e Rebecca Pearse (2015) afirmam que “o mais amplo exercício de poder dos últimos quinhentos anos” (p. 162) repousa sobre forças colonizadoras e reflete sobre gênero se afastando do olhar fixo em diferenças sexuais. Com um rico diálogo com a biologia, contrapõem-se a visão radical de que a partir, principalmente, de uma diferença reprodutiva há o desencadeamento de outras diversas diferenças. Elas defendem que não existe uma base biológica não mutável no que diz respeito ao gênero, evidenciando que os corpos são carregados - mas não determinados - em direção a processos sociais, que por sua vez, são repletos de significado e se transformam historicamente.

A esfera corporal é entendida pelas autoras como uma “arena reprodutiva”, justamente um local onde há o desenvolvimento do gênero. Connel e Pearse (2015) argumentam que as “capacidades corporais e as práticas que as realizam constituem uma arena, um campo corporal em que algo social acontece” (p. 113),

As autoras mencionam que a teoria feminista produzida em 1970 defendeu uma cisão entre “sexo” e “gênero”, correlacionando sexo ao limite biológico e gênero ao que diz respeito a cultura e sociedade, algo que reverbera até os dias atuais. Surgiu assim, o que se entende por papéis sexuais, categoria que Connel e Pearse são críticas argumentando que na diferenciação entre o que pertence ao campo da biologia e o que é entendido como um fato social, o biológico, não raro, ganha um peso maior na definição dos sujeitos e, além disso, as autoras elucidam que “os padrões de diferença nesses dois níveis não precisam coincidir” (2015, p.100) abarcando uma vastidão de elementos que produzem o gênero.

Connel e Pearse sugerem como saída para um padrão de diferenças de gênero a desmistificação do que é entendido como “dicotomia de caráter” entre homens e mulheres, apoiadas no procedimento estatístico chamado de metanálise elas defendem a ideia de

similaridade sexual. Quando o procedimento começou, em meados de 1980, ele reafirmava diferenças de gênero. Alguns anos depois, em 2005, com o mesmo procedimento pode-se observar uma profusa similaridade psicológica onde as diferenças estariam mais ligadas a situações e especificidades. O que as autoras concluem é que:

podemos obter uma imagem das diferenças psicológicas de gênero e de suas similaridades não como fixas e tão antigas quanto a espécie humana, mas como produtos mutantes de respostas ativas dadas pelas pessoas em relação a um mundo social complexo e igualmente mutante. Com a ajuda da metanálise, a psicologia caminhou, gradualmente, no sentido de uma compreensão do gênero que também emergiu gradualmente na sociologia (CONNEL & PEARSE, 2015, p. 110).

Em consonância com isso, Connel e Pearse definem gênero como: “a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para seio dos processos sociais” (2015, p. 48). Nesta formulação, as autoras abarcam que os corpos são atravessados por estruturas sociais bem como pela esfera pessoal, contestando um cenário reducionista do fenômeno e defendendo o entrelaçamento de processos corporais e sociais, além de enfatizar a relevância da compreensão do processo histórico.

O presente estudo está de acordo com a definição de gênero advinda de Connel e Pearsee e também do que elas defendem como identidade de gênero, constituindo-se como “a sensação de pertencimento a uma categoria de gênero. A identidade inclui nossas ideias sobre esse pertencimento e o que este significa, ou seja, que tipo de pessoas somos, como consequência de sermos mulher ou homem” (2015, p. 38). As autoras expõem que pensar em identidade é admitir a existência do gênero na vida dos sujeitos e destacam a educação como um lugar muito generificado. Apesar disso, elas recusam o modelo de socialização, enumerando problemas como o argumento que pressupõe a passividade dos sujeitos e a ideia de ser uma concepção muito monolítica que não admite a heterogeneidade cultural.

Entretanto, acredita-se aqui que o processo de socialização de gênero é fundamental na formação das identidades e isso não coincide com uma premissa de passividade humana. Os sujeitos são atores sociais complexos e contraditórios que perante as agências socializadoras efetuam interpretações.

Em se tratando agora especificamente das questões de identidade, ressalta-se as contribuições de George Herbert Mead em *Mind, Self and Society* no que tange ao caráter construído das relações como ele representa uma das primeiras tentativas de teorizar sobre a construção social das identidades. Com o conceito de *self* social ele buscou explicar o processo

reflexivo que culmina na ação humana. Seu argumento aponta o arranjo social não como meramente um lugar onde interações ocorrem, pois além de ações que se manifestam de maneira irrefletida há as ações que se constituem por meio da interpretação. Estas últimas são compreendidas através do conceito de interação simbólica que envolve:

o ponto central de que a interação humana é um processo de modelagem positiva por direito próprio. Os participantes nele têm que construir suas respectivas linhas de conduta por uma interpretação constante dos planos de ação de cada um dos outros. Como os participantes tomam em consideração os atos em curso uns dos outros, eles têm que atrelar, reorganizar ou ajustar suas próprias intenções, desejos, sentimentos e atitudes; Além disso, eles devem julgar a adequação de normas, valores e prescrições grupais para a situação formada por atos de outros. Fatores de equipamento psicológico e organização social não são substitutos do processo interpretativo (BLUMER, 2017, p. 51)

Herdeiro de uma tradição utilitarista, darwinista, pragmatista e behaviorista, com suas devidas ponderações acerca destas teorias, Mead defende que é durante o desenvolvimento das crianças que a autoconsciência humana se constitui (TURNER & BEEGHLEY & POWERSH, 2016). O autor ao desenvolver o conceito de *self* social, defende o papel social existente na sua formação e se contrapõe ao pensamento de que apenas fatores biológicos ou uma estrutura psicológica estariam presentes neste processo.

Pode-se entender o *self* social enquanto um contínuo processo envolvendo significados, que se organizam primordialmente pela linguagem, interpretando-se as ações e reações dos outros e com isso, construindo a autoimagem. Ele “é um produto social que emerge dos esforços do organismo humano para se ajustar e se adaptar ao seu ambiente” (TURNER & BEEGHLEY & POWERSH, 2016, p. 373), de forma que pressupõe uma autointeração que se vale de símbolos, da disposição para assumir papéis e também de certas capacidades comportamentais. Seu desenvolvimento abrange três momentos: as brincadeiras, os jogos e a assunção de papéis com o outro generalizado.

A respeito da identidade de gênero, um precursor nestes estudos é o já mencionado Robert Jesse Stoller. De acordo com Cossi (2018), Stoller é frequentemente relacionado no Brasil aos estudos sobre transexualidade e foi através do seu interesse sobre os denominados “distúrbios de gênero” que ele buscou compreender o desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade. Para tal, apoiou-se em diversos autores e áreas de conhecimento – perpassando estudos antropológicos e sobre a aprendizagem –, não se restringindo aos estudos de cunho psicológico. Inclusive, foi contra o pensamento hegemônico da psiquiatria de sua época, justamente por questionar a total responsabilidade atribuída a formulações biológicas no tocante a identidade de gênero.

Stoller defendeu que era preciso diferenciar, através de uma categoria, sexo de sentimento de identidade, algo que não havia na teoria de Freud:

Cabe esclarecer que, em Stoller, sexo se refere a estados biológicos: genética, caracteres primários e secundários do sexo, aparato anatomofisiológico, endócrino e cerebral; gênero diz respeito a um conjunto de fenômenos como sentimentos, pensamentos, comportamentos e fantasias relacionados à masculinidade e à feminilidade, e não apresentam nenhuma ancoragem biológica – é consolidado culturalmente, adquirido na vida pós-natal. Sexo e gênero não andam necessariamente lado a lado; um pode se desenvolver a despeito do outro (COSSI, 2018, p. 32).

Ainda segundo Cossi, Stoller não excluía a ideia de que pressupostos biológicos, não raro, eram relevantes na construção da identidade. Entretanto, os casos em que ele estudava apontavam para diferentes forças que culminavam em gerar a masculinidade e a feminilidade. Através da sua pesquisa, ele descreve três eixos que permeiam sua fundamental elaboração teórica intitulada “núcleo da identidade de gênero”.

Antes da descrição dos eixos, é necessário elucidar que o senso de pertencimento a um sexo corresponde ao núcleo de identidade de gênero, contrapondo-se ao que diz respeito a feminilidade e a masculinidade, estes últimos advém após o sentimento de identificação social. Cossi esclarece que segundo Stoller “o esperado é que, por volta dos dois anos, desenvolva-se o senso de pertencer a um sexo: a consciência que permite que afirmemos para nós mesmos “Eu sou homem” ou “Eu sou mulher” (2018, p. 34). Assim sendo, o autor argumenta que o núcleo de identidade de gênero se forma antes da criança chegar na fase fálica, divergindo da teoria freudiana.

Retomando aos eixos que embasam o núcleo da identidade de gênero, o primeiro abarca todo o complexo que envolve a relação entre pais e filho, além da nomeação deste como menino ou menina através da observação anatômica após o nascimento (algo que atualmente pode ser constatado antes do bebê nascer através das novas tecnologias). O segundo eixo diz respeito às sensações despertadas pela própria genitália que se relacionam ao entendimento de si. Articulado a teoria behaviorista, Stoller chama de “biopsíquico” o coeficiente que envolve os estímulos que partem do meio que os indivíduos se inserem e os atravessam, ou seja, formas de agir que são valorizadas ou tidas como negativas e depois são elaboradas pelos sujeitos. Por fim, o último eixo vai ao encontro ao peso que a biologia exerce.

Cabe destacar aqui que o núcleo de identidade de gênero de Stoller resvala em uma questão essencialista quando é defendido que tal núcleo atinge um caráter acabado nos indivíduos por volta dos 3 anos de idade. Em consonância com isso, concordo com o argumento de Janáina Xavier do Nascimento (2005) de que “Apesar da ênfase sobre o socialmente

construído, a ideia desse núcleo pode ser remetida a uma concepção estável e monolítica de identidade, vastamente criticada” (p. 143).

Stoller contrapõe-se novamente a Freud, alegando a concepção de que a masculinidade não é primária e sim a feminilidade, de forma que “Mãe e filho ainda não seriam objetos separados, e este se sentiria como uma parte do corpo dela, o que o conformaria à feminilidade” (COSSI, 2018, p. 37). De acordo com essa lógica, cabe ao homem sua cisão com a feminilidade, algo que como menciona Cossi, encontrou na antropologia um profícuo lócus para reflexão.

Sobre o desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade, Miriam Grossi (2004) argumenta que os meninos demandam no seu processo de construção identitária a desvinculação com o universo feminino do qual está inserido a partir da relação com a mãe, concebendo os rituais como protagonistas neste processo. Tanto Grossi (2004) como no artigo - recém abordado - em que Cossi discute a teoria de Stoller, dá-se o exemplo de duas tribos na Nova Guiné³ onde existe um ritual em que os meninos precisam tomar o sêmen de outros homens. Por meio da ingestão do líquido seminal – inexistente na constituição feminina - há a ideia de que “os meninos vão se tornar mais homens por terem incorporado a substância masculina” (GROSSI, 2004, p. 7).

Apesar do foco do presente estudo não ser o de discorrer sobre masculinidades, esclarece-se o quanto cabe a violência um papel de mobilizador na constituição do ser homem. Grossi (2004) relata a presença deste fenômeno no esporte, por exemplo, ou na relação entre masculinidade e violência no contexto brasileiro onde, estando muitos jovens excluídos socialmente, eles encontram na criminalidade um lugar de afirmação identitária.

Por sua vez, um importante elemento que constitui a feminilidade no modelo ocidental é a beleza. Em consonância com isso, a identidade de gênero se constrói em grande medida em espaços envolvendo práticas estéticas. Grossi (2004) cita os salões de beleza como um significativo lugar de ritualização visando aproximar-se do ser mulher. Todavia, a autora defende que na contemporaneidade as academias de ginástica assumem maior relevância neste processo que, ao passo que se vincula com a constituição identitária feminina, também aponta para o papel feminino de produzir desejo nos homens produzindo uma imagem desejante, sedutora.

Miriam Grossi também é uma importante referência, sendo pioneira em pensar sobre identidade de gênero no cenário brasileiro. Em seu escrito do ano de 1998 em que aborda esta temática, expõe que num primeiro momento as reflexões se voltavam para a ideia de “condição

³ Os Baruya no texto de Grossi e os Sâmbia que foi mencionado por Cossi, mas que foi descrito originalmente por Stoller em sua obra do ano de 1993.

feminina”, o que tornava nebuloso vislumbrar a pluralidade presente entre as mulheres e o atravessamento das opressões. Na década de 1980 este horizonte intelectual começa a se transformar. A partir desta data, principia-se a discussão sobre as várias formas de existência feminina, não sendo “possível falar de uma única condição feminina no Brasil, uma vez que existem inúmeras diferenças, não apenas de classe, mas também regionais, de classes etárias, de ethos, entre as mulheres brasileiras” (GROSSI, 1998, p. 3).

Segundo Grossi (1998), admitir essas existências plurais abarca que os sujeitos, sempre imersos numa trama social, se constituam uns em relação aos outros. Tal pressuposto, culmina em que os gêneros ganhem significado e também se reconfigurem através das interações sociais. O campo simbólico ocasiona que as pessoas sejam vinculadas através de seu sexo biológico a representações. Estas representações são comumente entendidas como papéis sexuais, modelos permeados por valores e normas que se alternam de uma cultura para a outra e também no interior de uma mesma cultura. Papéis sexuais são assim como a sexualidade e o significado social da reprodução “uma das variáveis que configura a identidade de gênero” (GROSSI, 1998, p. 12).

A autora estabelece uma distinção entre as categorias identidade de gênero, sexo e sexualidade. A identidade de gênero, por mais que se difunda um imaginário social de que está ancorada na relação de materialidade com o corpo, não corresponde à percepção de determinada estrutura corporal em consonância com um gênero. Enquanto o sexo está em consonância com noções sobre as diferenças entre os corpos advindos da biologia, sexualidade está ligada a práticas e sentimentos que se vinculam ao ato sexual (GROSSI, 1998).

2. GÊNERO E BELEZA

As feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental

Vinicius de Moraes (Receita de Mulher)

Não é algo incomum a associação entre beleza e o gênero feminino, como brevemente exposto no tópico anterior a construção da feminilidade é atravessada por ideais de beleza (GROSSI, 2004). No fragmento da poesia de Vinicius de Moraes, têm-se uma prescrição que põe em evidência a regulação social do corpo das mulheres. O imperativo de beleza, associa-se com a moralidade, como argumentam Vilhena e Medeiros e Novaes (2005), não estar de acordo com expectativas de beleza ganha um sentido dramático na vida das mulheres:

o corpo ideal não diz respeito somente ao controle do peso e das medidas, revela também funções psicológicas e morais. A feiúra caracteriza, em um só tempo, uma ruptura estética e psíquica, da qual decorre a perda da auto-estima. Vale lembrar, que a dimensão ética é também rompida, pois deixar-se feia é interpretado como má conduta pessoal, podendo resultar na exclusão do grupo social. Portanto, mudar seu corpo é mudar sua vida e as intervenções estéticas decorrentes deste processo traduzem-se em gratificações sociais (p. 124-125).

A moralidade está relacionada com expectativas de comportamentos que incorporam o “ser bela” e todo o universo simbólico que o diz respeito. Alguém que não esteja de acordo com padrões estéticos se torna motivo de estranhamento. Consequentemente, buscam-se respostas para o desvio da norma e as respostas que aparecem, não raro, são atreladas a características morais desqualificadas. Por sua vez, os homens não são atingidos pelo mesmo fenômeno, como apontam Vilhena e Medeiros e Novaes (2005) são dadas respostas mais simples para o mesmo tipo de ação (ou a falta dela) como imputar à escassez de tempo diante de uma vida profissional que os envolve em diversas responsabilidades.

Mas o que de fato constitui a beleza? Essa não é uma resposta simples, afinal questões como territorialidade e período histórico diversificam e relativizam os significados em torno disso. Contudo, há a crença de que, como elucida Naomi Wolf (1992), a qualidade entendida como beleza é objetiva e universal, atribuindo sentido a uma explicação biológica de que “homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução” (p. 15). A autora dedica toda uma obra em torno do “mito da beleza”, onde argumenta que ao invés de um sistema baseado na seleção sexual, a beleza é um sistema monetário onde quem é mais bela vale mais. Isso abarca que o acesso a determinadas posições sociais, aos olhos de Wolf, pressupõe corresponder a expectativas de beleza como a juventude o que implica mulheres absorvidas por conceitos de beleza em um constante questionamento sobre seu próprio valor.

De acordo com Wolf (1992), este sistema de valores envolve que as mulheres entrem em uma competição umas contra as outras por algo que em nada têm a ver com recursos naturais, o que contraria o fundamento da seleção sexual. É criada toda uma lógica abarcando ilusões coletivas que emergem como obstáculos na vida das mulheres na medida em que outros mitos, como o da domesticidade, perdem força e consequentemente há um movimento de inserção do contingente feminino na esfera pública:

Por que motivo a ordem social sente necessidade de se defender evitando a realidade das mulheres, nossos rostos, nossos corpos, nossas vozes, e reduzindo o significado das mulheres a essas "belas" imagens formuladas e reproduzidas infinitamente? Embora ansiedades pessoais e inconscientes possam representar uma força poderosa na criação de uma mentira vital, a necessidade econômica praticamente garante a sua

existência. Uma economia que depende da escravidão precisa promover imagens de escravos que "justifiquem" a instituição da escravidão (WOLF, 1992, p. 22).

Um importante eixo argumentativo da autora é de que o mito da beleza estabelece comportamentos e não a aparência de fato. Sim, esta é uma verdade muito relevante, mas não a única. Quando Wolf fala isso ela responsabiliza o poder institucional masculino a este fenômeno, remetendo a uma concepção de poder unilateral imposto. Incorporar de forma acrítica este argumento invisibiliza a complexidade existente na perpetuação do mito da beleza como o próprio gozo existente na adoção de práticas de beleza ou a sensação de poder suscitada por elas. O que Connel e Pearse (2015) expõem ajuda a refletir sobre isso:

O discurso da moda e da beleza, por exemplo, posiciona as mulheres como consumidoras, sujeita-as a testes humilhantes de aceitação, reforça regras arbitrárias e é responsável por boa parte da infelicidade, dos problemas de saúde e mesmo de algumas mortes por fome e inanição em países onde há abundância de alimentos (quando as dietas de garotas se convertem em anorexia). Ainda assim, não há nenhum homem apontando uma arma na cabeça das mulheres para que elas façam tudo isso (p. 162).

Outra inquietação vai de encontro ao sentido dado a evolução das mulheres, onde o próprio termo “evolução” é bastante incômodo. Apesar de pontuar algumas questões de ordem psicológica como o amor-próprio, seu grande enfoque é dirigido ao campo econômico e profissional como bem aborda o Feminismo Liberal, corrente da qual a autora se enquadra. Tal corrente feminista expressa diversas limitações, o que se reflete na obra de Wolf onde não há questionamento acerca do modelo liberal nem atenção devida dada a multiplicidade de forma de existência contidas no ser mulher e no fato de que algumas existências não estão nem mesmo incluídas numa estrutura onde é possível “evoluir”.

Mulheres negras têm uma experiência diferente em relação ao mito da beleza. Os ideais estéticos são conduzidos influenciados pelo racismo estrutural e prova disso, é a dimensão que o cabelo ocupa na vida destas mulheres implicado em um projeto colonial de embranquecimento. bell hooks fala sobre o protagonismo que o alisamento dos cabelos assume, constituindo-se enquanto um ritual entre as mulheres negras. Diante de uma difícil construção de suas identidades “a realidade é que o cabelo alisado está vinculado historicamente e atualmente a um sistema de dominação racial que é incutida nas pessoas negras, e especialmente nas mulheres negras de que não somos aceitas como somos porque não somos belas” (hooks, 2005, p. 8).

No Brasil - país em que a ideologia colonialista predomina -, de acordo com Denise Bernuzzi de Sant’anna (2014), a imprensa exprime estigmas que atrelavam os negros a sujeira,

não sendo só o cabelo crespo um problema afirmava-se que as peles eram “encardidas” e era preciso as tratar e branqueá-las. Forjando uma suposta inferioridade estética nas mulheres negras haviam “especialistas em pessoas de cor preta” que se ocupavam em prover produtos que tinham em vista o ideal de beleza segundo o padrão branco ocidental (SANT’ANNA, 2014).

Ainda no tocante ao mito da beleza agir estabelecendo comportamentos, Vilhena e Medeiros e Novaes (2005) também demonstram esse fenômeno ao remontar os imaginários e expectativas sociais durante períodos históricos no ocidente. Os autores elucidam que, apesar da comumente expressão de admiração despertada pelo entrelaçamento entre feminilidade e beleza - afinal a beleza é tida como um valor - à medida em que há um desejo sexual sustentado primordialmente pela beleza, este desejo culmina em temor que atua como reação a sexualidade feminina. Através da presença de um temor, medidas regulatórias são tomadas de modo que a beleza só alcança um sentido verdadeiro em determinadas condições, manifestando-se estratégias de controle sobre o corpo feminino. Tanto a Idade Média quanto a Renascença foram épocas em que a imagem das mulheres e a beleza contida, foram associadas a sedução pecaminosa. O vínculo estabelecido entre o desejo feminino e o pecado é muito bem ilustrado pela tradição da doutrina cristã quando aborda o pecado original. Foi Eva quem infringiu a lei de Deus provando do fruto proibido e seduzindo Adão para que cometesse o mesmo ato, o que desencadeou na expulsão do paraíso e a atribuição da responsabilidade sobre o advento do mal no mundo (VILHENA & MEDEIROS & NOVAES, 2005).

Segundo os autores (VILHENA & MEDEIROS & NOVAES, 2005), apesar desta associação, a Renascença dispendo-se ao harmônico e à pureza apresentou uma generalização de representações da beleza feminina relacionadas à inocência. Avançando na trama histórica, com o advento do Iluminismo, a sociedade se lança na tentativa de afastamento da imagem da bela sedutora relacionada ao pecado ao impor o ideal materno, ideal este que beira à santificação.

Para chegar a disposição de beleza mais enaltecida na modernidade, Vilhena e Medeiros e Novaes (2005) apontam que foi necessário incumbir as mulheres o pudor e a vergonha, já que o seu pudor “natural” falharia na incorporação de uma forma de existência civilizada, tornando assim, a fragilidade e a domesticidade valores contidos no que se entende por uma beleza verdadeiramente feminina.

De modo mais contemporâneo (meados de 1930) e numa configuração distinta, têm-se o embelezamento das mulheres vinculado ao pecado no cenário brasileiro, quando em meio a

uma disputa entre médicos e fabricantes de cosméticos denota-se a contínua tentativa de dominação sobre os corpos das mulheres, como bem ilustra Sant'anna:

A livre possibilidade de embelezá-lo segundo os desejos pessoais, provocava reprovações contundentes. Para manter o corpo feminino sob o controle masculino (em particular, de pais, maridos, médicos, e não de comerciantes, curandeiros ou senhores considerados “malandros e fanfarrões”), costumava-se associar uma parte do embelezamento diretamente ao pecado (2014, p.55).

Sant'anna (2014) propõe-se a historicizar o conceito de beleza no Brasil ao longo dos períodos pelos quais o país passou. Ela percorre as mudanças que os ideais de beleza sofreram no decorrer do tempo e sua constante transformação, considerando simbologias a respeito do comportamento feminino como a predominância do ato de se embelezar como estratégia visando o casamento.

Evidenciar esta técnica é algo que se relaciona ao mito da seleção sexual debatido por Wolf e citado anteriormente. Faz parte da argumentação no tocante a seleção sexual bases biológicas, por isso seu caráter mitificado. Não obstante, é preciso admitir que de fato, por muito tempo, a busca pela beleza esteve inclinada a conquista de um parceiro, algo ainda arraigado comportamentalmente na atualidade. Evidenciar isso, torna necessário indagar-se sobre as razões que propiciam as condutas. Na época escravocrata-senhorial do Brasil, por exemplo, para as mulheres brancas “o casamento representava praticamente a única carreira aberta a esta. Evidentemente, a reclusão num convento constituía sempre uma possibilidade de evitar-se a submissão ao pai ou ao marido” (SAFFIOTI, 2013, p. 243).

Retomando Sant'anna, ela expõe o poder da publicidade de reverberar sobre a forma de existência dos sujeitos. Num primeiro momento, os anúncios de produtos de beleza que prometiam “remediar a feiúra” apresentavam um tom dramático e imperativo, onde sem se embelezar as mulheres ficariam sozinhas sem um marido. O modelo alegre da propaganda que é compreendido nos dias atuais, foi se tornando assim à medida que o enfoque começou a ser dado nos produtos em si (SANT'ANNA, 2014). Um sentimento que começou a vigorar e que não fazia parte da vida dos sujeitos, foi o da beleza como fornecedora de autoestima e consequentemente, bem-estar, pois “durante as primeiras décadas do século XX, essa ideia ainda levantava suspeitas” (SANT'ANNA, 2014, p. 87). O texto não apresenta um significado exato acerca do que seriam estas suspeitas, no entanto, pensa-se na hipótese de que nesse contexto, a beleza poderia aguçar o desejo do outro, distanciando-se da domesticidade sugerida e do padrão da “mulher honesta”, dessexualizada e ou “santificada” pela e para procriação.

Sant'anna (2014) aponta que o Brasil movimenta toda uma economia baseada na preocupação social com a aparência, sobressaindo-se mundialmente na realização de cirurgias plásticas. Os principais responsáveis pela efervescência desta tônica de “cuidados” aparecem com a criação e difusão dos espelhos e das fotografias e o desenvolvimento da publicidade e do audiovisual, além da mudança do sentimento dirigido ao corpo (e que será discutido no próximo tópico).

Para além das cirurgias, tal economia abarca medicamentos, academias de ginástica, cosméticos, regulação da alimentação, entre outros. Sant'anna argumenta que “o embelezamento virou um gigantesco e lucrativo negócio, envolvendo o fim de vários limites entre o que está fora e o que está dentro da pele. Impossível, portanto, supor que esse fenômeno tenha uma importância menor na construção da história contemporânea” (2014, p. 16).

É interessante como os cuidados com a beleza e sua relação com a feminilidade, constroem-se enquanto diferenciação com o cosmos da masculinidade. A afirmação de Kant de que o esforço da ciência esta para os homens e de que a feminilidade se relaciona com a beleza, engendra um antagonismo e coloca explicitamente que as questões intelectuais não cabem ao belo, pois elas demandam maiores esforços e são próprios do sublime (BORGES, 2005). Talvez elucidar este raciocínio lance luz para os sentidos de alguns imaginários sociais, à título de exemplo, o de que mulheres consideradas muito belas não têm competência intelectual.

Um fato é que a relação entre beleza e o gênero feminino, entre outras coisas, indica formas de gerir a própria vida. Dinheiro despendido, preocupações, tempo gasto. Algumas ações são escolhidas em detrimento de outras. Segundo Sperry e Grauerholz apud Martins (2016):

[...] o ideal de beleza feminina pode funcionar indiretamente como meio de controle social, na medida em que a preocupação das mulheres com a aparência física (beleza) absorve recursos (dinheiro, energia, tempo), que poderiam, pelo contrário, ser gastos melhorando seu status social (p. 353).

3. CORPO, FEMINILIDADE E EMBELEZAMENTO NA INFÂNCIA

A percepção sobre o corpo abarca o sentimento de si, algo que está em consonância com a identidade de gênero. O corpo ganhou um espaço na vida das pessoas jamais antes concebido. É através dele que os sujeitos intentam expressar suas subjetividades, porém, o corpo nem sempre é marcado de forma intencional e as marcas se alinham a toda uma estrutura simbólica que vincula representações.

Raewyn Connel e Rebecca Pearse (2015) quando falam que “há peles manchadas permanentemente de terra e peles amaciadas com cremes caros; mãos rachadas de fazer limpeza e mãos intactas feitas pela manicure” (p. 111) escancaram diferenças entre os corpos e suas marcas. Elas defendem que essa diversidade vai em direção a reconhecer que os corpos agem em relação às práticas sociais e também são instrumentos delas:

As práticas em que corpos são envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais, o que, por sua vez, fornece condições para novas práticas das quais os corpos são envolvidos. Processos corporais e estruturas sociais se conectam pelo tempo. Somam-se ao processo histórico no qual a sociedade é corporificada e os corpos são arrastados para a história (p. 112).

Ao afirmar isso, Connel e Pearse evocam seu conceito de “corporificação do social” ou “prática corporal reflexiva” que circunda, além do comportamento dos sujeitos, grupos e instituições. Através da corporificação do social os sujeitos assimilam os aspectos que regem a vida social, como as normas e as práticas, o que implica a admissão do entrelaçamento entre a elaboração social e os processos corporais. De acordo com as autoras “o gênero é uma forma específica de corporificação do social” (2015, p. 113).

Ainda caminhando neste território, o que David Le Breton (2006) argumenta é muito valioso para compreender o quanto é preciso pensar no corpo em conjunto com as lógicas sociais, afinal, ele é o cerne do vínculo com a vida, “o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (p. 7). O corpo é a base para a existência dos sujeitos. De acordo com Le Breton (2006), a ideia de pessoa que expressa sua subjetividade através do corpo, local em que diversas práticas intentam a construção de uma imagem fundamentada em uma identidade, emerge com modelos societários individualistas.

O autor discute as bases etnológicas no tocante ao corpo e explica que o individualismo cria uma sensibilidade onde se percebe o corpo como algo separado do próprio sujeito. Isso culmina em ações que almejam uma aproximação do “verdadeiro eu”, ou seja, de uma pessoa que nasce com um corpo e entende o corpo como fragmento, denotando uma lógica dualista. Daí então, o suposto “aprisionamento do homem sobre si mesmo” (LE BRETON, 2006, p.31). Nesse sentido, o corpo se apresenta como fronteira entre os sujeitos e expressão de algo muito particular, não correspondendo a perspectiva que o compreende enquanto um elo entre a comunidade como o observado em sociedades tradicionais.

Guacira Lopes Louro (2004) indaga-se a respeito das marcas que os corpos carregam até mesmo questionando se tais marcas não são simplesmente uma invenção do olhar do outro. A autora expõe o corpo como uma disposição da cultura, dos lugares sociais dos sujeitos. O

gênero se insere nesta lógica, é marca da diferença e conseqüentemente denota relações de poder.

A premissa do corpo como marcador social envolve ideais e normas. O imaginário social cria paradigmas corporais que quando não incorporados produzem o sentido da diferença, de modo que o corpo assume a forma de “operador de sistemas de classificação e hierarquização social, na medida em que atributos como a forma física e a aparência que ela revela são elevados a critérios que posicionam e valoram, diferentemente, estilos de vida e sujeitos na cultura contemporânea” (DAMICO & MEYER, 2006, p. 104).

Representações hegemônicas de beleza e gênero funcionam como norteadoras de ações e junto com a linguagem atuam demarcando diferenças e engendrando identidades. Afirmar isso não desconsidera a possibilidade dos sujeitos de recusar as disposições sociais e culturais, afinal “os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas” (LOURO, 2003, p. 61).

Ainda assim, destaca-se todo um trabalho pedagógico, envolvendo uma multiplicidade de esferas que vão desde o âmbito escolar até a publicidade, para adequar os sujeitos a padrões corporais. Mas não são só os lugares óbvios que investem esforços para normatizar os corpos. Pensando nisso, Louro chama atenção para atos corriqueiros que funcionam como reguladores, algo muitas vezes invisibilizado:

O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança (2003, p. 63).

Se anteriormente foi dito que é pelo corpo que o gênero feminino se constitui, manifesta-se a existência de uma atenção preponderantemente voltada para ele. Quando Mirian Goldemberg (2005) busca na teoria de Bourdieu ancorar seus argumentos, ela elucida que para o autor a dominação masculina engendra as mulheres como objetos simbólicos, dessa forma, o feminino é voltado para o olhar do outro e isso culmina numa constante insegurança corporal.

Pressupõe-se que este olhar do outro está atento aos detalhes, afinal atualmente a apreciação estética e as expectativas sociais instituídas em torno disso, dispõem o corpo a uma multiplicidade de características examinadas isoladamente, percepção essa diversa de outros momentos históricos que vinculavam beleza a um todo harmônico (NOVAES, 2005). Tal disposição é terreno fértil para a, já mencionada neste estudo, economia baseada na

preocupação social com a aparência que encontra respaldo em discursos das mais diversas instâncias. “É interessante notar como os discursos que normatizam o corpo, sejam eles científico, tecnológico, publicitário, médico, estético, etc., vão, pouco à pouco, tomando conta da vida simbólica/subjetiva do sujeito” (NOVAES, 2005, p. 4).

Ao falar sobre corpo e beleza, é impossível não evidenciar o ideal do corpo magro como uma das bases de significância acerca da beleza. Ser magro é motivo de orgulho, uma conquista permeada por esforços como, por exemplo, exercitar-se fisicamente de forma exaustiva ou a privação de determinados alimentos. O extremo da pretensão por um corpo magro leva os sujeitos a doenças como anorexia e bulimia que, como Goldemberg argumenta, são as mulheres as principais implicadas que “por problemas psicológicos, mas também pressionadas pela sociedade, as adolescentes passam dos freqüentes regimes alimentares a uma rejeição incontrolável pela comida e a fazer exercícios físicos de forma exagerada, tentando compensar a baixa auto-estima” (2005, p. 73). Goldemberg também elucida que a anorexia parece tanger o que diz respeito a um estilo de vida, elaborando-se toda uma gama de comportamentos englobando até mesmo a privação do sono no intuito de se perder calorias ou na ideia de estratégias que intencionam a perda de apetite, como através da limpeza de ambientes muito sujos.

A passagem citada anteriormente, coloca a adolescência como um período de grande incidência da preocupação estética. Contudo, a atenção dada para/com a beleza aparece desde a tenra idade. À título de exemplo, uma prática feita precocemente é o ato de colocar brincos nas orelhas dos bebês que nascem com uma genitália feminina. Tal prática, pode ser entendida como um dos primeiros rituais que institui a entrada ao cosmos da feminilidade, vinculando o feminino a beleza e já elucidando o quanto práticas estéticas podem estar atreladas a dor. Justamente em função da dor sentida pelo bebê ao ter suas orelhas furadas para a colocação dos brincos, alguns pais ou responsáveis optam por não aderir a esse costume. Sendo assim, “o corpo carrega o fardo das exigências sociais, sendo reconstruído e manipulado a partir do que se vê, buscando o que se quer “ser” ou o que se quer “ter”” (JOROSKY, 2016, p. 37).

Como aponta Narda Jorosky (2016), as relações que as crianças estabelecem com o mundo se dão, em grande medida, por meio de outras linguagens que não a palavra escrita, pois esta ainda não é dominada por elas. Objetos imagéticos presentes nos locais onde as crianças estão inseridas são muito significativos para seus processos de subjetivação.

Olhar para os brinquedos infantis, distintos entre os gêneros, corrobora para a compreensão do quanto as representações do que é ser menina/mulher se embasam em técnicas de embelezamento. As brincadeiras também expressam, como constatado no estudo de Guizzo

e Beck (2011), a vontade de ser bela “os personagens que elas tentam imitar em suas brincadeiras são, via de regra, mulheres jovens, bonitas, populares, que se destacam pela beleza e sensualidade. Nunca foi presenciada uma situação em que as meninas tivessem optado por interpretar alguém que fosse feia, velha e/ou gorda” (p. 33).

Os contos de fada que continuam presentes na socialização das crianças, envolvem a beleza feminina como algo predominante no seu engajamento existencial. Apesar de contemporaneamente protagonistas dos contos de fada serem ilustradas com atitudes muito mais independentes, transformando ideais de feminilidade fundamentados na passividade e submissão, a aparência física raramente se desvincula de ideais de beleza (MARTINS, 2016).

Observa-se o quanto as princesas cumprem um papel significativo na difusão de representações acerca da feminilidade. Guizzo e Beck expressam que em suas “pesquisas realizadas com crianças, representações parecem ser bem entendidas e, muitas vezes, até propagadas. Nas suas falas, nos seus comportamentos e nas suas atitudes, meninos e meninas repetem discursos que circulam em locais aos quais têm acesso” (2011, p. 24).

Ao acolher a premissa de que as representações estão intimamente ligadas a construção identitária (KRUG & SOARES, 2016), torna-se fundamental refletir sobre quais são as características tidas como mais valorosas. De acordo com Krug e Soares (2016):

não há como dissociar os corpos infantis sem problematizar quais as influências culturais trazidas pelos corpos em relação aos comportamentos de gênero socialmente atribuídos ao feminino e masculino, e como isso desencadeia em disciplinamento, isto é, em formas de ser e agir dos meninos e meninas que estão na educação infantil (p. 255).

II. METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos se baseiam na pesquisa qualitativa. Melucci (2005) argumenta que os processos de individualização nas sociedades complexas demandam a adoção do método qualitativo, tais sociedades são compostas pela “importância da vida cotidiana como espaço no qual os sujeitos constroem o sentido do seu agir e no qual experimentam as oportunidades e os limites para a ação” (p. 29), havendo necessidade de olhar para detalhes que a pesquisa quantitativa não abarca por não atingir a profundidade que apenas uma imersão no campo possibilita.

A metodologia adotada compreende um estudo de caso baseado no método etnográfico e utilização de técnicas projetivas (desenhos, brincadeiras, associação livre de palavras, teatro) com crianças. Neste sentido, a delimitação da pesquisa diz respeito à observações feitas numa

escola particular de educação infantil, com um público predominantemente de classe média e branca, localizada no município de Santa Maria no Rio Grande do Sul. De forma mais específica, numa turma de pré-escola referente ao estágio anterior ao ingresso no primeiro ano do ensino fundamental, ou seja, uma turma que abarca alunos na idade de cinco e seis anos, composta por 4 meninos e 4 meninas.

Optar por um campo de pesquisa que é formado por crianças, torna necessário adentrar nas lógicas próprias da infância, sua relação com o mundo e com a constituição de sentidos, pensar “nas crianças em seus contextos, nas suas experiências e em situações da vida real” (DELGADO & MULLER, 2005, p. 354). Esses pressupostos caminham em direção ao desvencilhamento do adultocentrismo, o que torna possível conceber as crianças como atores sociais que se envolvem de forma igual e ativa na construção da sociedade. Estratégias que visam estabelecer uma relação afetiva com as crianças dentro da pesquisa são importantes, justamente por contribuir para que elas se expressem com maior liberdade e isso culmine no alargamento das possibilidades de escuta do pesquisador. Este, por sua vez, deve se dedicar a tal escuta de maneira atenta e paciente, assumindo-se a percepção de que existem diversas diferenças entre o mundo adulto e infantil como no tocante à maturidade cognitiva e comunicativa (HORN, 2013).

Sendo assim, o método etnográfico emerge como o mais adequado para este estudo, uma de suas premissas é a constância na relação com o grupo pesquisado possibilitando uma maior aproximação tanto com os sujeitos da pesquisa quanto com aquele universo próprio. É também pela observação participante que se desvelam situações da vida social que contém os fenômenos investigados, algo que nem sempre pode ser absorvido sem adentrar no ambiente em que o grupo se insere e acompanhar a dialogicidade das relações.

A etnografia surge através da antropologia, mas atualmente diversas áreas do conhecimento fazem uso desta forma de coletar dados. Pode-se destacar Bronislaw Malinowski como o principal precursor, segundo o qual defende a necessidade “de uma aplicação sistemática e paciente de um determinado número de regras de bom senso e de princípios científicos bem definidos e não através de qualquer atalho miraculoso que leve aos resultados desejados sem esforço ou problemas” (1976, p. 21).

As técnicas de coleta de dados não seguem um padrão rígido. À medida que se vai adentrando no campo, esclarece-se quais são as mais adequadas. Todavia, o registro do que é observado é imprescindível, para realizá-lo o ideal é se ter um diário onde as descrições feitas demandam detalhamento e reflexividade, envolvendo:

observar, fixar na memória e anotar por escrito as falas, assim como as práticas, as posturas, a tonalidade, o contexto. Aprendemos como sintetizar o relevante e abrir mil vezes mão de nossas questões, previamente elaboradas, para nos entregar à descoberta de lógicas alternativas emaranhadas em uma frase “sem sentido”, em uma piada que nos soa fora de lugar, num gesto que estranhamos (BRITES & MOTTA, 2017, p. 30).

O contato com o universo pesquisado têm como premissa intensidade e profundidade, pretendendo-se uma imersão naquela realidade, ou melhor, naquela cultura. Concordo com a definição de Magnani (2009) acerca do método etnográfico:

uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (p. 135).

Um campo constituído por crianças não é um campo de pesquisa a mercê da cultura de outros, “as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas” (DELGADO & MULLER, 2005, p. 353). Segundo Pereira (2012) a palavra cultura, tendo seu significado relacionado primeiramente ao cultivo da terra e posteriormente empregado no que concerne ao aperfeiçoamento do saber humano, quando pensado em termos da infância vai ao encontro a conhecimentos próprios daquele grupo, produzidos e reproduzidos mediante as relações entre as próprias crianças, abrangendo regras, subterfúgios, representações, entre outras lógicas complexas e internas do grupo.

O período das observações foi de quatro meses, sendo uma vez por semana no turno da tarde a ida ao campo, além de sempre que possível o acompanhamento das festividades realizadas pela escola. Outro instrumento usado foi a realização de algumas atividades junto às crianças, algo que só foi possível baseado no consentimento delas, como bem afirma Horn (2013) quando expressa a percepção de que apenas a autorização dos professores e responsáveis não é o bastante.

O que almeja-se observar foram como os significados do que é ser menina aparecem entre as crianças? Quais são os significados? O que se entende com isso atrelado a ideais de beleza? Mapeando indicadores de beleza, tentando compreender o sentido da incorporação destes indicadores e o que aparentemente faz referência a ser belo para elas. Ademais, refletir sobre a linguagem e como ela ressoa nos comportamentos parece ser algo bastante caro no sentido de perceber sua possibilidade de impactar na construção identitária.

No tocante às atividades, a primeira abarcou a associação livre de palavras. Este procedimento, muito usado na área de psicologia social, intenta se aproximar da compreensão da estrutura identitária dos sujeitos. Por sua vez, a segunda atividade consistiu numa conversa estimulada para explorar os sentidos das crianças acerca de ser menino e ser menina. A terceira atividade foi com desenhos, ela ocorreu em dois momentos e almejou entender algumas representações dos alunos a respeito da temática da pesquisa. A quarta e última atividade foi com as bonecas LOL, bonecas muito populares entre as crianças atualmente - principalmente entre as meninas -. Ela tentou perceber atributos de beleza valorizados, bem como a questão raça e beleza.

O nome da instituição, bem como dos alunos, pais e funcionários serão ocultados dos relatos, com o intuito de preservar as identidades e estar em consonância com o âmbito ético de uma pesquisa. Para narrar as situações observadas, foi decidido pelo uso de codinomes para as crianças. Eles foram escolhidos pela pesquisadora por meio de características pertencentes às próprias crianças ou episódios vivenciados. Somando um total de oito crianças seus codinomes são, entre as meninas, Entusiasmada, Chorinho, Mechas de Papel Crepom e Menina das Tiaras. Os garotos são Savana Africana, Fofa, Sensato e Menino do Moicano. Pelos codinomes já se têm uma ideia de em qual grupo generificado foi percebido uma concentração maior de indicadores de beleza.

Em relação a estrutura da escola, ela é uma casa com um extenso pátio onde há outras casas (em tamanho bem menor) que são usadas como salas de aula. Um quiosque é utilizado para momentos de alimentação tanto das crianças como dos adultos, entretanto, uma cozinha mais equipada se localiza na casa “principal” onde são fornecidas as refeições. Na parte dos fundos há uma horta em que crianças e professoras são responsáveis, um “Forte Apache”, brinquedos de pracinha, uma casinha, entre outros, como um “cirquinho” se espalham na extensão do pátio exceto nas proximidades das grades frontais da escola, local de restrita circulação. É um lugar muito iluminado e arborizado, diversas árvores frutíferas se encontram lá fornecendo até mesmo ingredientes para o lanche das crianças.

Na sala de aula, a parte central abarcava uma mesa redonda onde os alunos se distribuem para se sentar e fazer a maioria das atividades. Há armários e prateleiras que guardam caixas com materiais diversos como cartolinas e tintas para a realização de atividades, além de brinquedos e jogos. Alguns livros, a “chamadinha” e um calendário educativo ocupam uma parede. Uma cozinha compõe o ambiente naquele espaço e, o mais interessante: existe um salão de beleza dentro daquela sala de aula que foi montado por uma professora anterior. O salão de beleza é de tamanho modesto, na cor rosa, sem muitas coisas a serem percebidas, pois ele

contém uma caixa específica que resguarda os objetos de beleza, entre eles se têm pulseiras, presilhas de cabelo, frascos que representam perfumes e cremes, batons, esmaltes, sombras, espelhos, bobs para enrolar os cabelos e um pequeno secador de cabelo, este último na cor azul, mas a predominância da cor dos objetos é rosa.

Apesar da satisfação envolta numa pesquisa realizada com crianças em que o afeto transborda e a alegria é cotidiana⁴, ressalta-se que foi desafiante realizar uma pesquisa com crianças, além de se tratar de uma pesquisadora de “primeira viagem”, não havia contato prévio com o universo infantil. Para adaptar-se, foi necessário a aproximação com a linguagem, de modo a se pensar em palavras mais primárias, sem significados complexos e, para isso, sensibilidade. E por que sensibilidade? Apesar do universo adulto privilegiar a linguagem e, não raro, esquecer das demais formas de comunicação, as crianças, ao contrário, munem-se de outras formas de expressão, afinal, não dominam a linguagem da mesma forma.

Outro aspecto sobre como superar os desafios da comunicação, foi o de usar da ludicidade, não apenas para se fazer compreender, mas também para despertar o interesse das crianças. Isso foi valioso principalmente durante as atividades que visaram coletar dados de modo mais objetivo, posto que as crianças se entendiam facilmente, elas estão apenas começando a serem introduzidas na disciplina aos moldes da educação formal.

III. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

1. SER MENINO E SER MENINA: O CORPO ATRAVESSADO PELAS IDENTIDADES DE GÊNERO

A garota Entusiasmada faz sua presença ser notada, fala alto e se expressa expansivamente. Ela começou na turma este ano, diferentemente dos demais alunos que já estavam convivendo antigamente e enfrenta alguns problemas para se inserir no grande grupo. Em conversas com a professora responsável pela turma, chegou-se ao consenso de que sua dificuldade de integração não é apenas por conta de ter chegado recentemente, mas por se tratar de uma menina negra, a única pessoa negra da turma. Chorinho é a que mais apresentou episódios de choro, a garota ficava descontente com certa facilidade e se expressava com lágrimas. Mechas de Papel Crepom, é uma menina que em determinado dia foi com parte do cabelo pintado de vermelho, muito orgulhosa ela mostrou para a pesquisadora sua empreitada estética e explicou seu método para ter chegado naquele resultado: papel crepom. Por fim,

⁴ Certo dia, a pesquisadora foi indagada por Fofô quanto a “estar sempre sorrindo”. Realmente, essa era uma constante nos dias de observação, não havia como ser de outro jeito.

Menina das Tiaras é uma menina que basicamente usa muitas tiaras para ir a aula. Ao ser indagada ao longo das observações, pode-se concluir que, na maioria das vezes a escolha da tiara era feita por ela.

Sobre os garotos, Savana Africana disse ter visitado este local após um outro colega ter afirmado isso, foi peculiar, ele não sabia explicar a viagem e ficou envergonhado disfarçando com risadas. Fofó é um menino muito meigo, pensa-se que ele ao ter consciência de sua meiguice explicitamente usava isso ao seu favor, ele fazia diversos dengos para conseguir seus objetivos. Sensato é o aluno com mais inteligência emocional, ele conseguia verbalizar quando estava triste e também resolver conflitos com tranquilidade. Por fim Menino do Moicano ganhou tal codinome por ir diversas vezes para a escola com este penteado, assegurado pelo gel de cabelo.

Logo no primeiro dia de observação aconteceu a cena que originou o nome deste trabalho e que vai ao encontro da construção de identidades de gênero. Naquele dia, duas turmas foram levadas ao pátio da escola para uma “aula de música diferente”, diferente porque tais aulas são realizadas com uma turma por vez e em um horário distinto daquele. Ademais, só é permitido participar crianças que pagam uma diferença de valor pelas aulas.

A partir do momento em que todos começaram a se organizar para a atividade, a aproximação da pesquisadora despertou diversos olhares de curiosidade. Naquele horário, muitos responsáveis estavam deixando as crianças na escola. Os alunos, em sua maioria, usavam uniforme, porém, alguns indicadores de beleza já se faziam presentes como tênis coloridos, cortes de cabelo com desenhos entre os meninos, tiaras entre as meninas, em que grande parte delas usavam os longos cabelos soltos. Havia cerca de vinte alunos ali. Entre eles, apenas duas meninas negras e ambas estavam usando seus cabelos presos (algo que será retomado no próximo tópico).

A atividade era uma brincadeira que envolvia as crianças e o professor, além de duas professoras responsáveis pelas turmas. Sentado numa cadeira ficava o guardião, uma criança vendada que precisava estar atenta aos barulhos dos instrumentos que se localizam embaixo desta cadeira. Os ladrões precisavam roubar os instrumentos, demandando necessidade de atenção aos barulhos advindos daqueles instrumentos e cuidado com a forma que se locomoviam, bem como a forma de segurar tais objetos. Um aluno por vez, escolhido pelas duas professoras presentes, tentava roubar um instrumento. O contexto da brincadeira era de monarquia, o guardião era um servo do rei e através desta atmosfera de família real as crianças começaram a indagar sobre o paradeiro da rainha. Diante das perguntas, o professor de música responde:

— *A rainha está no castelo se olhando no espelho.*

Logo, alguma criança declara:

— *Passando maquiagem.*

O professor confirma a afirmação. Depois a pergunta repousa sob aonde se encontrava o rei e o professor responde:

— *O rei está assinando papéis.*

A fala do professor cria uma distinção, Guacira Lopes Louro (2003) chama a atenção para o protagonismo que a linguagem têm neste processo de distinções e conseqüentemente de hierarquizações. De acordo com ela, a linguagem:

atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito "natural". Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários, sem questionar o uso que fazemos de expressões consagradas, supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças (p. 65).

As afirmações do professor ocupam um lugar privilegiado, têm peso de verdade pela autoridade que ele exerce, apesar de não necessariamente conotarem veracidade. Apesar de sua fala não impor um comportamento, sua sutileza não deixa de estar envolvida na produção dos indivíduos no espaço escolar. O professor é um representante desta instituição escolar e a escola se insere na lógica de aprendizado “não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade” (GOMES, 2002, p. 40). Narrar o que o rei e a rainha estavam fazendo ilustra o cotidiano deles, ou seja, sua forma de existir no mundo e diz muito sobre representações e ideais de feminilidade e masculinidade, afinal agem como modelos a serem seguidos.

Assinar papéis remete a tomada de decisões, conseqüentemente alguém que age e intervém na sociedade, o que denota relações de poder, o privilégio de se situar em certos lugares de tomadas de decisão. Por que ao rei e não a rainha cabe este papel? Aspectos como acesso à educação podem ser evocados para lançar luz a indagação, como Raewyn Connel e Rebecca Pearse (2015) afirmam “dados recentes sobre o analfabetismo na Índia mostram que 75% dos homens aprenderam a ler, enquanto apenas 51% das mulheres tiveram acesso à alfabetização; na Nigéria, os dados indicam 72% de homens e 50% de mulheres” (p. 11) e elas

completam que, embora, em diversos países mulheres de classe média alcançaram a igualdade no acesso à educação, outros obstáculos são edificados e os postos mais altos de poder e riqueza, em maior medida, constituem-se como um universo masculinizado.

Olhar-se no espelho, principalmente ao fazer menção a prática de se maquiar, é buscar com a ajuda do reflexo fazer um diagnóstico da própria imagem. Denise Sant’anna (2014) aponta a propaganda cosmética e de cirurgia plástica como estimuladora desta concepção. Volta-se a questão debatida anteriormente da feminilidade e sua relação com o olhar do outro e também se retorna ao conceito de *self* social, conceito que defende o quanto o “eu” só se forma a partir do “outro”.

Os sujeitos se localizam através deste “outro”, denotando o caráter relacional da construção identitária. O espelho funciona justamente como a suposição do olhar externo. Almejando-se gerenciar as impressões é empenhado um esforço para entender previamente o que o “outro” valora. Daí advém uma dedicação para/com práticas estéticas, como o ato de se maquiar, pretendendo melhorar a imagem a ser vista.

Como já narrado, o corpo feminino é alvo de maiores regulações sociais, a exigência social para as mulheres “se manterem dentro dos padrões de beleza vigentes ainda são bem maiores. Responsabilidades e cobranças que são oriundas de infinitas instâncias culturais, visuais e sociais e que têm o poder de produzir, demarcar, regular e diferenciar os corpos.” (GUIZZO & BECK, 2011, p. 22). A forma como este fenômeno atravessa a identidade feminina, pode ser observado em dois episódios que ocorreram entre Entusiasmada e Savana Africana, mas que também diz muito sobre as relações raciais e os ideais de beleza estarem de acordo com o padrão branco ocidental.

O primeiro foi durante uma das primeiras aulas de música, onde o professor permitiu que todos os alunos participassem, até mesmo os que não pagavam o valor diferencial pelas aulas. Pelo momento de maior aproximação entre todos, Entusiasmada apresentou a pesquisadora ao professor como “a pintora” e explicou que havia dito isso em função dela pintar os cabelos com uma tinta colorida. A partir desta fala, Savana Africana afirmou que Entusiasmada pintava sua pele e a menina logo demonstrou enorme indignação. Agitou-se corporalmente em inquietude e declarou em sua defesa que a afirmação do colega não era verdade:

— *Sou uma pintura por acaso?*

Diante de toda a situação, o professor embaraçado não soube muito bem como agir demonstrando despreparo num momento emblemático e seguiu com sua aula. A fala de Savana Africana é muito simbólica, ela escancara a norma da pele branca devido a premissa da inexistência da cor de Entusiasmada que se evidencia quando ele considera que a colega precisa pintar a pele para adquirir aquela cor. O impacto na construção identitária também aparece quando a reação de Entusiasmada denota grande sofrimento, a sua cor foi rejeitada. Ela não é algo “naturalmente humano”, de acordo com a lógica de Savana Africana uma ação foi necessária para fazer surgir aquela cor.

O segundo episódio aconteceu durante a atividade da conversa estimulada:

— *Fazem coisas diferentes os meninos e as meninas?* - perguntou a pesquisadora.

— *Sim, menino não usa batom.* - respondeu Savana Africana.

— *Menino não usa peruca.* - exclamou Entusiasmada.

— *Ninguém usa.* - disse Sensato se referindo a fala da colega.

— *Entusiasmada têm o cabelo diferente de todo mundo da sala.* - afirmou Savana Africana.

— *A Júlia também têm, qual o problema?* - indagou Entusiasmada usando o exemplo do cabelo colorido da pesquisadora, com indignação.

Savana Africana fica um pouco confuso, pois não diz algo coerente. Expõe que ele mesmo fala coisas que não entende, mas também diz que Entusiasmada “está quase doida” após ela demonstrar uma reação reativa ao que ele afirmou e então afirma:

— *Pelo menos a Entusiasmada têm o cabelo quase do tamanho dos meninos.*

— *Savana Africana, eu não sou um monstro!* - Entusiasmada exclama.

As colocações de Savana Africana são consonantes ao racismo estrutural, elas inferiorizam e projetam Entusiasmada num lugar menos valoroso, algo que não deixa de ser visibilizado pela menina. “O racismo, sendo um código ideológico que toma atributos biológicos como valores e significados sociais, impõe ao negro uma série de conotações negativas que o afetam social e subjetivamente” (GOMES, 2002, p. 49).

Com esta cena, mais uma vez se pode perceber os efeitos da linguagem. A diferença é marcada pelo que não se é, pelas ausência de características ideais. Um olhar mais reflexivo

desvela a perpetuação de uma norma estética na turma, Menino do Moicano também apresenta um cabelo que é “diferente de todo mundo da sala”, porém ele têm os cabelos muito lisos e loiros, inclusive o menino apresenta outras características que se alinham ao referencial da beleza branca ocidental europeia. Ele não foi marcado, a marca é o desvio da norma, “eu não sou um monstro” ilustra o estigma que o diferente geralmente carrega. Pessoas negras são estigmatizadas, tanto neste episódio quanto no primeiro, evidencia-se a crença de que “alguém com um estigma não é completamente humano” (GOFFMAN, 1980, p. 8), tanto que quando Entusiasmada nega ser um monstro, apesar do menino não ter falado isso explicitamente, diz respeito a tonalidade daquele diálogo.

Ainda sobre a atividade da conversa estimulada, destacou-se que tais sentidos são bastante nebulosos entre as crianças. Algumas crianças expuseram que as diferenças se fundavam na distinção de comprimento de cabelos (meninas tem cabelos longos e meninos cabelos curtos) ou no uso ou não uso de brincos (meninas usam e meninos não usam), sempre pautando a definição destas identidades através do caráter relacional.

Todavia, quando alguma característica era mencionada como definidora, uma outra fala se sobrepunha para demonstrar que nem sempre era daquele jeito. No momento em que foi falado do uso de brincos, os alunos lembraram que o professor de música usava brincos, portanto, não era algo equivalente apenas ao sentido de ser menina. Ou quando refletiram sobre o uso de esmaltes pertencer ao universo feminino, Sensato argumentou:

— Eu também posso escolher se eu quero pintar as minhas unhas.

Esta fala sugere transformações na forma de pensar feminilidades e masculinidades, afinal “a concepção fortemente polarizada dos gêneros esconde a pluralidade existente em cada um dos pólos” (LOURO, 2003, p. 48). A única característica em que ocorreu uma aparente concordância foi a respeito do uso da maquiagem como algo que tem a ver respectivamente com o ser menina, elucidando que algumas fronteiras são mais rígidas do que outras e a questão estética como um eixo central. Mesmo as crianças não levantando muitos aspectos que podem denotar fronteiras, a admissão da diferença na fala de Menino do Moicano também vai de encontro a admissão da existência delas entre as crianças:

— Nenhum menino e menina é igual.

O consenso no que tange ao uso de maquiagem ser relativo a identidade das meninas, também explica o quanto o espaço do salão de beleza dentro da sala de aula foi mais usado pelas meninas da turma durante as observações. Não obstante, esse fato não é indício de um gosto pessoal. O que foi confessado pela professora responsável pela turma vai ao encontro da alegação de que a “escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui” (LOURO, 2003, p. 58), pois tanto a proposta de dinâmica com a turma (o uso do salãozinho de beleza) quanto uma fala que parece soar como uma permissão, desencadeia comportamentos. Além disso, a própria questão das cores age de forma simbólica, o salãozinho na turma é predominantemente rosa.

O que a professora relatou foi que, em outro dia daquela mesma semana, os meninos “exploraram as maquiagens” num momento em que ela havia organizando a turma para irem em duplas, uma por vez, mexer no salãozinho de beleza. Savana Africana e Menino do Moicano haviam pintado bastante os próprios rostos na sua ida em conjunto. Ela também declarou que em outro momento, ao falar para Savana Africana que não eram só as meninas que poderiam fazer penteados, ele pediu para usar “bobs de cabelo” pertencentes ao salãozinho e passou a tarde daquele dia com eles.

Haviam situações recreativas vinculadas a uma caixa de acessórios, nela haviam muitos colares, pulseiras, óculos de sol e celulares. Nos momentos de acesso à caixa, as crianças “se montavam” com aqueles acessórios e criavam alguma brincadeira, geralmente apresentações de dança. A incorporação daqueles objetos era feito por todas as crianças, sem muita diferenciação acerca dos usos, entretanto, em um dia que Menino do Moicano colocou um óculos de sol tido como feminino, Entusiasmada o repreendeu. Ela apontou para ele vigorosamente e anunciou que ele parecia uma mulher, falando num tom de correção. O menino não deu atenção, a ignorando e a circunstância se encerrou.

Apesar da pouca diferenciação acerca do uso de objetos da caixa de acessórios entre os meninos e as meninas, foi possível observar que os significados atribuídos ao uso eram diversos. Certo dia, Savana Africana colocou muitos colares e pulseiras em seu corpo e começou a correr. O indagando sobre o que estava fazendo ele declara que estava roubando as joias. As meninas buscavam acessórios bonitos que as deixassem mais belas. Os meninos não expressavam a mesma vontade de se embelezarem por intermédio dos acessórios, dando sentidos mais diversos para aquele uso como no episódio citado envolvendo Savana Africana.

Essa ambiguidade entre afirmar a diferença entre meninos e meninas e, por outro lado, não destacar essa diferença, apontando para uma outra indiferenciação remete a Connel e Pearse

(2015) e seu argumento de que há mais similaridades do que diferenças. As autoras expõem que “quando claras diferenças psicológicas de gênero surgem, mais provavelmente são específicas e situadas do que gerais” (p. 108).

2. OS SIGNIFICADOS NO TOCANTE A BELEZA E O ENTRELAÇAMENTO COM A FEMINILIDADE

Em vários momentos foi possível observar a vinculação entre o feminino e a beleza, desde aspectos sutis como uma maior presença de indicadores de beleza compondo a aparência das meninas e nos desenhos solicitados durante a pesquisa feitos pelas crianças que retrataram o gênero feminino, até situações onde de forma mais explícita questões estéticas foram empurradas para o universo da feminilidade. Ainda assim, houveram muitos questionamentos acerca da permissão do masculino adentrar neste cosmos e também o vislumbramento de uma mudança de paradigma de beleza.

Ao chegar no campo de pesquisa, a primeira pessoa em que houve necessidade de se fazer contato foi a diretora da escola. Era perceptível seu engajamento na composição das roupas, maquiagem e organização do cabelo, uma composição estética favorável numa mulher branca e magra. Todos estes elementos demarcavam seu cargo elevado dentro da instituição, apesar do local ser composto massivamente por mulheres as demais não apresentavam o mesmo empenho estético. Tal dado parece evidenciar o que Naomi Wolf (1992) argumentou sobre as mulheres ascendendo ao poder, quanto maior o poder alcançado mais é preciso corresponder a ideais de beleza. À título de exemplo, apesar de em diversas situações o uso de sapatos de salto não fosse o mais compatível com o que ocorria, por não favorecer a locomoção - como durante as brincadeiras infantis -, a diretora sempre os estava usando.

Sobre a presença de indicadores de beleza, destacam-se práticas embelezadoras como quando as meninas iam para a escola com as unhas pintadas, o próprio uso de enfeites de cabelo - como tiaras e laços - que eram usados por elas em quase todos os dias observados. Os sapatos também variavam entre tênis, botas, sapatilhas e rasteirinhas. Quanto aos meninos eles apenas usavam tênis, alguns apareciam com relógios e se observou uma pequena presença do uso bonés.

Em um momento da observação participante foi colocada em evidência a ausência de um marcador estético:

— *Por que a Júlia não usa brincos? – referindo-se a pesquisadora.*

A fala surgiu durante uma atividade que visava a alfabetização das crianças, aparentemente não havia nada que suscitasse este questionamento, entretanto, a ausência do uso de brincos na composição visual de uma mulher não está de acordo com as representações hegemônicas de feminilidade o que culmina num estranhamento. Os pequenos detalhes abrangem que “a criança constrói um “sistema interno de regras de gênero” a partir de sua experiência e das representações disponíveis na cultura em que está inserida” (SOUZA, 2006, p. 172).

As atividades em que foi proposto que as crianças desenhassem, os significados acerca do que é bonito focalizaram, em grande medida, nas roupas e nos cabelos. Isso foi percebido principalmente por meio do que elas elucidaram quando foi pedido para que falassem sobre os desenhos e o que tornava as pessoas desenhadas bonitas. Os olhos recebiam destaque pelos alunos vez ou outra. Foram retratados na maioria das vezes cabelos longos, lisos e loiros entre as representações femininas. As peles eram sempre brancas, com exceção dos desenhos feitos por Entusiasmada e o desenho de “menino” feito por Chorinho em que as peles foram pintadas com lápis de cor marrom escuro e a “criança bonita” desenhado por Savana Africana em que a pele apresentou um tom de verde. Dessa forma, a noção de estética pareceu se associar a beleza segundo o padrão branco ocidental

Ao solicitar que desenhassem uma “criança bonita”, apenas Savana Africana desenhou um menino (verde como mencionado anteriormente) e Sensato e Menino do Moicano que também desenharam meninos. O que se salienta, é que estes dois últimos representaram um e o outro nos seus desenhos de “criança bonita” por conta da amizade que eles nutrem. As questões afetivas apareceram entrelaçadas aos significados de beleza em outro momento da etnografia, durante a associação livre de palavras.

Quando questionados sobre o que lembravam ao pensar em “pessoa bonita”, todos responderam “minha mãe” e alguns acrescentaram mais membros da família como o pai e irmãs, com exceção de Menino do Moicano que mencionou seu gato. Ao serem indagados sobre o que achavam bonito nestas pessoas eles fizeram referência a “se vestir bem”, “se arrumar”, Menina das Tiaras disse que pessoa bonita remetia à quando sua mãe se maquiava. Já Chorinho que cita seus pais, ao ser indagada do que acha bonito neles responde que na mãe o cabelo e no pai os olhos.

Apesar de que no momento em que foi perguntado sobre coisas que achavam bonito nas pessoas citadas, a maioria relacionar práticas estéticas socialmente tidas como valorosas e que

se inserem nas ideias de beleza de indivíduos jovens ou adultos - como o caso de “se vestir bem” -, isso só vem depois de indagações, tendo como primeira referência pessoas que eles possuem vínculos afetivos. Este fato parece manifestar que, como ainda são crianças, não internalizaram percepções de beleza que abarque uma perspectiva minuciosa, revelando fragmentos de formas de enxergar o belo mediados por relações afetivas.

A fala de Entusiasmada ilustra a relação entre achar alguém bonito e o laço afetivo que se têm com a pessoa, envolvendo mais o que ela proporciona de bom em sua vida do que puramente com algo atribuído ao estético. Ela cita sua mãe como relacionado a pessoa bonita, a fala que se segue é:

— *O que tu acha bonito nela? Como ela é que tu acha bonito? - a pesquisadora pergunta;*

— *Carinhosa. - expõe Entusiasmada.*

— *E o que mais?*

— *Ela deixa eu ajudar ela a cortar tomates.*

Pedir para associarem “menina bonita” a outras palavras gerou confusão, achavam que já tinham tratado disso anteriormente, talvez porque no momento de falar sobre “pessoa bonita” estavam inclinados a vinculação entre beleza e feminilidade. “Menina bonita” gerou dois diálogos que foram mais emblemáticos. O primeiro ocorreu com Fofó:

— *Minha mãe eu gosto que se maquia, faz a sobrancelha, passa batom. - disse ele.*

Eis que a pesquisadora recorda um episódio em que Fofó pediu para que lhe emprestassem o batom num momento em que Mechas de Papel Crepon estava usando, entretanto, as crianças (incluindo o próprio Fofó) ficaram rindo inertes, até que ele parou de pedir o objeto. A partir desta memória, Fofó foi indagado se lembrava do episódio e se ele havia pedido o batom naquele dia porque achava bonito. Ele fica pensativo, demora, mas diz que lembra. A pergunta se repete, se era porque ele achava que o deixaria mais bonito, e ele responde, com uma expressão facial denunciando sua falta de jeito diante daquela pergunta, que “não”. A pesquisadora pergunta então se seria por diversão e ele balança a cabeça afirmativamente e continua:

— *É que eu achava que era cacau, entendeu? - disse ele.*

Nisso, os colegas o lembram que na verdade era um batom rosa que estava sob o domínio de Mechas de Papel Crepon. Fofo então afirma:

— *É que o meu cacau é um pouquinho colorido por isso eu achava.*

Para Sensato “menina bonita” o remeteu à o quanto gosta que sua mãe se arrume para irem passear:

— *O que é se arrumar? - pergunta a pesquisadora.*

Ele pensa bastante, responde que não sabe como explicar.

— *E tu, se arruma? - pergunta a pesquisadora.*

— *Sim, me arrumo. - ele responde.*

— *O que tu faz quando se arruma?*

O menino pensa novamente, demora e então chega a conclusão de que não se arruma todo dia e titubeia, chegando a conclusão:

— *Não me arrumo nenhum dia, - afirma Sensato.*

— *E a tua mãe se arruma todo dia?*

— *Quase todo dia.*

Estas duas situações mostram uma tentativa dos meninos em se distanciar do que identificam como pertencente ao universo feminino, sendo duas práticas que visam o embelezamento. Por mais que sejam coisas que eles admiram - se maquiar e se arrumar -, não é algo que cabe a eles e, não por serem crianças, afinal a maquiagem por exemplo, é usada por suas colegas, mas por serem percebidas sob o domínio da feminilidade. Quando Sensato não

assimila exatamente o que seria “se arrumar”, porém, coloca em palavras que é algo que ele não faz e sua mãe faz, é possível observar a cisão.

A atenção dada para o cabelo e seu vínculo com o padrão liso apareceu nos dois dias em que a pesquisadora foi com o cabelo completamente alisado ao campo de pesquisa, diferindo-se do seu cabelo natural. A maioria das crianças da turma dirigiram palavras elogiosas a ele, além de todas ficarem o tocando com as mãos, algumas efemeramente e outras até ser necessário pedir para que parassem, pois o ato perdurava por muito tempo.

O destaque para a forma que os cabelos estão dispostos é importante, pois vai de encontro com as forças simbólicas que envolvem os sujeitos na construção de suas identidades. É muito comum que meninas negras tenham seus cabelos constantemente presos no ambiente escolar, como menciona Nilma Gomes (2002) em seu profícuo estudo acerca de pessoas negras e a relação com seus corpos:

Se antes a aparência da criança negra, com sua cabeleira crespa, solta e despenteada, era algo comum entre a vizinhança e coleguinhas negros, com a entrada para a escola essa situação muda. A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas (p. 45).

Prender o cabelo articula-se com a negação deste corpo. Para além de ser resultado de exigências externas, advém do imaginário social a conotação do cabelo crespo como feio onde estereótipos pejorativos são expressos. Parece estratégico melhorar o que há de “ruim”, prender é esconder do olhar alheio que se incomoda e condena, “negar o próprio corpo passa a ser uma maneira de se proteger subjetivamente do racismo cotidiano” (CHAVEIRO & MINELLA, 2017, p. 2).

Com a atividade das bonecas LOL se buscou explorar um pouco mais as questões raciais entre as crianças. Eles foram separados em dois grupos, constituindo-se um só com as meninas e outro só com os meninos. Nesta data específica uma das meninas não estava presente. Perguntando-se qual era a boneca mais bonita entre as três apresentadas, o grupo das meninas adentrou numa lógica de cada menina com uma boneca específica. Chorinho escolheu a boneca branca enquanto Entusiasmada e Mechas de Papel Crepon brigaram pela boneca Queen Bee. Chorinho alegou que as outras duas bonecas que ela não havia escolhido eram feias, defendendo que suas características eram todas feias. Entusiasmada e Mechas de Papel Crepon disseram

amar a Queen Bee e encheram de elogios sua aparência, enfatizando seu brilho. No grupo dos meninos apenas Savana Africana não elegeu a Queen Bee como a mais bonita, pois não havia gostado do “penteadado” dela. Os outros três meninos disseram que não existia nada na Queen Bee que eles não gostassem.



Imagem 1 - Boneca LOL modelo Queen Bee (Fonte: Mercado Livre)

É preciso levar em consideração que a boneca Queen Bee é uma boneca considerada rara. Contudo, o decorrer da atividade sugere a existência de um movimento de atenuação do paradigma de beleza branco. Embora os dados tenham revelado sua forte presença, demonstrando que ele ainda é central e mobiliza comportamentos de estranheza, racismo e aversão entre as crianças.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo que se ancorou em perspectivas sobre gênero, identidade de gênero, beleza e corpo teve a intenção de explorar os sentidos atribuídos a feminilidade e beleza no começo da vida dos sujeitos: a infância. Uma turma pequena formada por 8 alunos e uma professora compôs o universo pesquisado, tratando-se de um estudo de caso, o que torna fazer generalizações algo fora dos horizontes de possibilidades.

Pesquisar com crianças foi, a cada observação, uma viagem para muito além do óbvio o que demandou o esforço de inclinar-se para as formas de existir no mundo conforme elas sentiam ser mais adequadas. Foi necessário se despir de estratégias cegas as particularidades da

infância que não davam conta de compreender o que de fato queria ser dito pelas crianças. Nesse sentido, foram elas que delinearão a maior parte da pesquisa e por isso a necessidade de sentir, de tatear e experimentar suas relações. A frequência dentro da escola junto com a curiosidade da pesquisadora, permitiu que barreiras fossem rompidas, aproximando-se cada vez mais das dinâmicas daquele espaço social.

A instituição escolar foi muito acolhedora, até mesmo quem não entendia muito bem o papel que a pesquisadora exercia ali não deixava de fomentar uma convivência respeitosa e amigável. Em relação aos gêneros, o local era quase que totalmente constituído por mulheres no que concerne a sua equipe profissional. As simbologias contidas nos mais diversos âmbitos daquele espaço (livros, músicas, brinquedos, jogos, discursos) demonstraram disseminar diversas diferenciações, forjando a feminilidade e masculinidade como esferas opostas. As representações de indivíduos fornecidas apresentavam concordância com modelos hegemônicos e não manifestavam a diversidade de sujeitos existentes.

Por sua vez, as crianças pareceram concordar com as diferenciações apresentadas, mas poucas vezes se prendiam a elas. Elas demonstravam valorar concomitantemente o que era entendido como do universo feminino e masculino. Vislumbravam as fronteiras existentes, porém, percebeu-se que se ligavam a essas fronteiras num sentido de admissão de que elas faziam parte de seus entornos, não necessariamente dizendo respeito a um gosto pessoal. Prova disso, eram as situações em que partia de um adulto a legitimação de um ato que até então parecia fora das possibilidades relativas ao seus gêneros e elas se lançavam rumo a experimentação. Em outros momentos, a legitimação externa ou a falta dela não fazia diferença para as crianças aparentando não ter tanta relevância para nortear suas ações.

Pode-se perceber que seus sentidos acerca da beleza estavam voltados muito mais para suas relações afetivas com as pessoas do que simplesmente por fragmentos de seus corpos. Havia imprecisões referentes aos significados, o que parece, para além da forma diferente que a linguagem das crianças se constitui, apontar uma menor importância para caracterizar rigidamente algo como belo. Entretanto, observou-se um estranhamento dirigido ao que fugia da concepção de beleza regida pelo padrão branco ocidental.

Avistou-se uma desestabilização dos paradigmas de identidade de gênero e de beleza por parte das crianças. Mesmo com os esforços dos meninos, por exemplo, em se desvencilhar de condutas tidas como femininas, as fronteiras de gênero pareceram muito mais fluídas entre as crianças, permitindo-se espaços para a experimentação. Tal apontamento está em consonância com a perspectiva de similaridade sexual presente em Connel e Pearse (2015) onde

é elucidado o quanto as dicotomias de caráter entre os gêneros, não raro, designam uma lógica mitificada.

Espera-se com este estudo ter contribuído para o entendimento de que as diferenças são demarcadas e reiteradas, sempre implicando na instauração de relações de poder o que não é a única possibilidade. Gênero e beleza funcionam como marcas e têm no corpo um espaço privilegiado para a reflexão, considerando-se como e o que leva a essa construção de distinções.

REFERÊNCIAS

BLUMER, Herbert. Implicação sociológica do pensamento de George Herbert Mead. Traduzido por Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. João Pessoa, PB. vol. 16 n. 48. dez. 2017, pp. 47-58.

BRITES, Jurema. MOTTA, Flávia M. **Introdução. In Etnografia, o Espírito da Antropologia: Tecendo Linhagens Homenagem a Claudia Fonseca**. EDUNISC, Santa Cruz do Sul - RS, 2017.

BORGES, Maria de Lourdes. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis - SC, vol. 13(3). n. 320, set-dez. 2005, pp. 667-676.

de VILHENA, Junia; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana A. V. Violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade **Revista Mal-estar E Subjetividade**, vol. V, núm. 1, mar, 2005, 4 Universidade de Fortaleza. Fortaleza,. pp. 109-14

CHAVEIRO Maylla M. R. S; MIRELA, Luzinete S. Receita “eu tô na rua é pra lutar, pelo direito do cabelo encrespar”: marchas do orgulho/empoderamento crespo no Brasil como movimento estético-políticos de resistência negra. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis - SC. 2017, pp. 1-7.

CONNEL, Raewyn. PEARSE, Rebecca. **Gênero: Uma perspectiva global**. Tradução e revisão de Marília Mosclakovick. São Paulo - SP, nVersos, 2015.

COSSI, Rafael K. Stoller e a psicanálise: da identidade de gênero ao semblante lacaniano. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte - MG. n. 49| jul. 2018, pp. 31–44.

DAMICO, José G. S. MEYER, Dagmar E. O corpo como marcador social: Saúde, beleza e valorização de cuidados corporais de jovens mulheres. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, vol. 27, n. 3. maio 2006, pp. 103-118,

DELGADO, ANA C. C. MULLER, F. Sociologia da infância: Pesquisa com crianças. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 26, n. 91, maio/ago. 2005

GOMES, Nilma L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21. out. 2002, pp. 40-51.

GOLDEMBERG, Miriam. Gênero e corpo na cultura brasileira. **PSIC. CLIN.**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 2, 2005, pp. 65-80.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GROSSI, Miriam P. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24,,Florianópolis - SC, 1998.

_____. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis - SC, 2004.

GUIZZO, Salazar Bianca e BECK, Quesada Dinah. Corpo, gênero, erotização e embelezamento na infância. **Revista Textura-ULBRA**, Canoas n.24. jul./dez. 2011, pp. 16-36.

HORN, Cláudia I. Pesquisa etnográfica com crianças: algumas possibilidades de investigação. **Revista Enfoques**, PPGSA-IFCS-UFRJ, vol. 13 (1), dez. 2013.

HOOKS, Bell. **Alisando nuestro pelo**. La Gaceta de Cuba, v.1, 2005, pp. 70-73.

JOROSKY, Narda H. **Corpo, beleza e gênero em imagens e nas falas das crianças na educação infantil: entre a linha e o desalinho**. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, 2016.

KRUG, Camila. SOARES, Rosângela. O chinelo rosa: Corpo e gênero na educação infantil. **Revista Zero-a-seis**. v. 18, n. 34. jul-dez. 2016, pp. 249-266

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Tradução de Sonia Fuhrmann. Petrópolis - RJ. 6ª ed. Vozes. 2012.

LOURO, Guacira L. **A construção escolar das diferenças. In Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes. 6^a.ed 2003.

_____. **Marcas do corpo, marcas de poder. In Um corpo estranho: ensaios sobre a teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAGNANI, João G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MARTINS, Maria Cristina. “E a Bela dançou...” Subvertendo o belo feminino dos contos de fadas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis vol. 24.n. 1. jan./abr. 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Introdução: objecto, método e alcance desta investigação. In Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia.** São Paulo: Abril Cultural, 1976, pp. 17-38.

MELUCCI, Alberto. **Busca de qualidade, ação social e cultura. In Por uma sociologia reflexiva.** Tradução de Maria do Carmo Alves do Bonfim, Petrópolis - RJ, Vozes, 2006.

NASCIMENTO, Janaína X. **Para uma teoria da identidade na modernidade: Mudanças e permanências à luz do reconhecimento e do feminismo.** 180 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2005.

NOVAES, JV. Ser mulher, ser feia, ser excluída. **Psicologia [Internet].** Lisboa; 2005. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0237.pdf>. Acesso em 23 out, 2019.

PEREIRA, Meira C. Cultura, infância, criança e cultura infantil: alguns conceitos. **Quaestio**, Sorocaba, SP, vol. 15, n. 1, maio, 2013, pp. 38-49.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** São Paulo: Expressão Popular. 3^a.ed., 2013.

SANT'ANNA. Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil.** São Paulo - SP: Contexto, 2015

SAYÃO, Deborah T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática** 5: 1-14, jun./jul. 2001-2002.

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Tradução de SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SOUZA, Érica R. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. **cadernos pagu** (26), janeiro-junho de 2006, pp.169-199.

TURNER, J. H. BEEGLEY, L. POWERSH, C. H. **A Sociologia de Mead. In A Emergência da Teoria Sociológica**, Petrópolis - RJ, Vozes, 2016.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.